

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

REALIZADOR CONVIDADO: ADO ARRIETA

2 e 7 de junho de 2022

THE ROMAN SPRING OF MRS. STONE / 1961

(A Primavera em Roma de Mrs. Stone)

um filme de José Quintero

Realização: José Quintero / **Argumento:** Gavin Lambert, segundo a novela de Tennessee Williams / **Fotografia:** Harry Waxman / **Música:** Richard Addinsell / **Montagem:** Ralph Kemplen / **Assistente de Realização:** Peter Yates / **Interpretação:** Vivian Leigh (Karen Stone), Warren Beatty (Paolo), Carol Browne (Meg), Jill St. John (Barbara) Lotte Lenya (Condessa), Jeremy Spencer (o jovem), Stella Bonheur (Mrs. Jamison-Walker), Josephine Brown (Lucia), Peter Dyneley (Greener), Carl Jaffe (Baron), Bessie Love (Bunny), Harold Kaskett, Viola Keats, Cleo Laine, e outros.

Produção: Louis de Rochemont para a Warner Bros / **Cópia:** digital, colorida, versão original legendada eletronicamente em português, 103 minutos / **Estreia Mundial:** 24 de Novembro de 1961 / **Estreia em Portugal:** Politeama, em 18 de Novembro de 1969. Primeira apresentação na Cinemateca: 25 de janeiro de 1988 (Ciclo Tennessee Williams)

Sessão de dia 2 apresentada por Ado Arrieta

A primeira novela de Tennessee Williams não anda longe das preocupações que caracterizam as suas peças. De **Summer Smoke** a **Sweet Bird of Youth** é da frustração feminina e da incapacidade de amar que **The Roman Spring of Mrs. Stone** fala. Mas a forma como se exprime esta nova "tragédia" de Williams no cinema é, a mais de um título, surpreendente. Infelizmente não no sentido positivo de tal adjectivo. De facto, a questão mais intrigante que se pode pôr a este filme é o porquê? Qual a sua razão de ser? Que motivos levaram um encenador, José Quintero, a meter mãos a tal empresa? O filme, logo à partida, parece ser uma acumulação de equívocos, a começar pelo produtor, Louis de Rochemont. É no mínimo surpreendente ver o nome do responsável pela famosa série **March of Time**, e que ficou também ligado ao chamado policial "documental" que acompanhou a par e passo, o filme "negro" nos anos 40, onde se encontram títulos como **The House on 92th Street** de Hathaway e **Boomerang** de Kazan. Talvez que no fundo, **The Roman Spring...** tenha mesmo mais a marca do produtor do que do realizador, se acaso se pode falar de estilo de alguém que provou possuir qualquer, não tendo mesmo voltado ao cinema depois desta experiência. Se a decisão foi acertada ou não é opinião que o cinéfilo formará no fim. E a marca do produtor, se assim se pode dizer, encontra-se no pré-genérico, feito de forma esquemática onde, dizendo tudo deixa porém uma sensação de perda, a mesma sensação que nos deixavam os seus documentários: a de que está tudo muito certinho mas que não nos deixa passar para além das aparências: um cartaz anuncia a representação de **As You Like It**, e o plano seguinte mostra-nos Karen Stone interpretando Rosalinda, exibindo logo de imediato a diferença de idade entre a actriz e a personagem. O primeiro traço de Mrs. Stone, a fatuidade, fica de modo mais ou menos certo, definido. Os planos seguintes mostram-nos outra faceta: a da segurança a todo o custo, casada com um homem mais velho, Karen abafa o seu instinto, a sua sexualidade. A perda do apoio que representava o marido no jogo de aparências vai lançar a perturbação na sua vida. Tanto mais que chega a Roma e esta é uma cidade sensual e fria onde o sexo surge, antes de mais, como um negócio.

Da cidade, porém, Quintero fixa apenas a aparência percorrendo, como em qualquer "traveltalk" os locais dos roteiros turísticos. A opção tem a sua lógica na medida em que se trata, no fim de contas, de um itinerário a percorrer pela própria Karen, mas a sua função parece remeter-se a uma simples decoração, excepto, e vale a pena destacar, as estátuas que parecem pontuar o caminho das personagens e os bustos que parecem surgir como duplicados dos rostos, sublinhando toda a frieza e indiferença que reina naquele mundo e entre aqueles seres.

Karen é Vivian Leigh, no seu terceiro filme num espaço de 12 anos. Antes fizera apenas **A Streetcar Named Desire** em 1951 e **The Deep Blue Sea** de Anatole Litvak, em 1955. Neste espaço de tempo, a tragédia rondara com persistência aquela que era uma das mais belas mulheres do cinema, a única e incomparável Scarlet O'Hara, através da doença e das crises de depressão, problemas agravados na altura da realização deste filme, com a recente declaração de divórcio de Lawrence Olivier. Em certa medida, para Vivian Leigh o trabalho em **The Roman Spring of Mrs. Stone** era uma forma de impedir a sua queda no desespero. E os sinais são visíveis no corpo da actriz e na relação com as outras personagens. Seria, porém, errado procurar em Karen Stone um retrato, mais ou menos insinuado, da própria Vivien Leigh. A solidão e a paixão de ambas manifestou-se de forma diferente, mas não será ousado dizer que ambas morreram de amor: uma pela navalha do seu Nemésis (Jeremy Spencer), a outra roída fisicamente pela tuberculose e pela ausência de Olivier.

A morte de Karen não nos é, naturalmente, mostrada. Aliás tal facto seria redundante dado que desde o começo tal se insinua. Quintero resolve mesmo a situação a preceito: depois da partida de Paolo com a jovem *starlet*, Karen já não tem qualquer apoio que impeça a derrocada definitiva. Nessa noite, da varanda permanentemente assombrada pela projecção do vagabundo, Karen lança-lhe a chave da porta, num acto simbólico, dado que marca, por um lado, a aceitação do seu destino trágico e o mergulho definitivo na sensualidade que sempre recusara assumir. É pena que Quintero apresente este anjo de morte que desde o começo assombra Karen de forma esquemática, sendo as suas aparições na rua e junto do restaurante gratuitas, sem mistério, o que lhe retira o ar de imaterialidade que, nos outros planos, junto da varanda, lhe atribui.

Warren Beatty, no segundo papel da sua carreira, é um dos possíveis equívocos deste filme. A sua silhueta é, certamente, perfeita para a de um gigolo, mas no caso de Paolo falta-lhe a frieza "profissional", do homem que se quer aproveitar da mulher como degrau na sua ambição. A relação com Vivien Leigh surge-nos mais de forma maternal. Sem maturidade, Beatty está, neste papel, a léguas de Paul Newman, numa composição semelhante em **Sweet Bird of Youth**. Beatty tem mais o perfil de um personagem "belo e maldito", como o que interpretava em **All Fall Down**, do que o de um gigolo oportunista que se presume ser Paolo.

À conta de José Quintero valeria a pena destacar um momento verdadeiramente cinematográfico de **The Roman Spring of Mrs. Stone**, e que é reunião em casa de Karen para verem os filmes feitos por ela e Paolo. Nesse momento a ruptura é já previsível e a presença da *starlet* (Jill St. John) vem sublinhar a sua inevitabilidade. Durante a projecção, a condessa (Lotte Lenya) pergunta venenosamente referindo-se ao filme em que se encontra apenas Karen: "But, Where's Paolo?". Mas a pergunta tem um duplo sentido, porque nesse mesmo instante Paolo e Barbara estão flirtando na varanda. Furiosa Karen corre com eles de casa e fica contemplando o ecrã branco e vazio, marcado pelas intermitências da luz e do som da máquina de projectar. Um momento que, não sendo original é perfeitamente adaptado à situação dando-lhe uma forte carga dramática.

Mas é só, ou pouca coisa mais, de cinema que nos oferece esta estranha adaptação da novela de Tennessee Williams.

Manuel Cintra Ferreira